



AM BRAGA

FÓTON
2

O Muro
de Cristal

1,

Matos teve uma noite calma e desperta. Sentia-se como numa manobra de atracção de um navio durante a madrugada: o silêncio da noite adormecida sendo interrompido periodicamente pelos flashes das luzes de navegação e varredura do radar, gerando um estado de alerta sereno, mas atento, firme, contínuo..., enérgico! Tal como ocorre quando se tem o intelecto norteado pela moral.

Moral...

Eu poderia ter entrado naqueles camarotes!

Matos não sabia exatamente o que sentia por dentro, mas parecia ser raiva. Ira, talvez. Fúria. Isso, fúria. Matos estava furioso! Mas uma fúria do bem, uma poderosa força que surge toda vez que alguém toma a decisão de não mais fechar os olhos como desculpa para aceitar a escuridão em que vive e passa a

mantê-los bem abertos à procura da luz, recusando-se terminantemente a ser a caça recrutada para ser o caçador em si mesmo.

A falta de oportunidade ou condições propícias nas quais eu poderia facilmente me tornar um homem corrupto, por exemplo, fariam de mim um ser diferente daqueles que tanto aponto e desprezo? Não!, Matos pensou, impiedoso consigo mesmo, entendendo claramente que cada um é o grande responsável por desenvolver suas próprias resistências através da autoidentificação de valores. *E sim, porque, se a alfabetização não fosse nessa língua, as pessoas seriam levadas a falar outro idioma!*, ele continuou pensando, piedoso com todos. *Não se trata de piedade ou impiedade, é a verdade!*, concluiu, esclarecendo tudo.

Ele não sabia exatamente a quanto tempo estava olhando o teto que lhe dava abrigo, mas já sabia que não ia voltar a dormir. Sua mente estava incendiada com o sonho que tivera. Sentia-se como um felino silencioso à espreita, os olhos vivos e acesos, pronto para dar o bote e disparar atrás de sua presa. Olhou o relógio no pulso: 02h54.

Respire...

Matos já estava ficando tenso com tanta vida correndo nas veias. Fechou os olhos

tentando relaxar, mas imediatamente os abriu, queria ver o que parecia estar prestes a se mostrar, mas não viu nada, exceto o teto que lhe dava abrigo. Pegou o *smartphone* sobre o criado mudo e viu a hora. Eram duas e cinquenta e quatro da madrugada, ainda, mas, naqueles poucos instantes em que passou olhando as pálpebras, sentiu como se tivesse visto muita coisa, e voltou a respirar... lenta e profundamente.

Relaxe o pescoço, os ombros, os braços, os músculos da face..., Matos pensava, acariciando internamente suas pálpebras com os olhos que oscilavam suavemente, movendo-se de um para outro lado. *Relaxe as costas, abdômen...* E começou a observar suas pálpebras um pouco mais de perto.

Ele não as via mas, do jeito que estava, de olhos abertos com as pálpebras fechadas, elas estavam sempre no mesmo e em todo lugar. Olhou numa dada direção, e elas estavam lá. Olhou em outra, mas elas também estavam lá, aquecendo, envolvendo, protegendo, com muito amor para dar aos olhos que mais para elas olhavam que para qualquer outra coisa, voluntária ou involuntariamente. *Que pálpebras lindas!* Matos olhou em todas as direções.

Relaxe os quadris, as pernas... Seus olhos continuavam indo e voltando, indo e voltando..., indo cada vez mais longe, voltando cada vez mais rápidos. *Relaxe suas coxas, as panturrilhas, os pés...* Até que os olhos foram, mas não voltaram sozinhos, voltaram trazendo um barulho distante, meio arrastado, e que parecia estar se aproximando.

Que barulho é esse?

Não era um barulho exatamente, mas um som agradável de se ouvir, gostoso de se pensar.

Que melodia é essa?!

Era um som familiar, cadenciado, num compasso 4x4, mas ele ainda não tinha conseguido identificá-lo para fazer a associação, como fazemos com o som da chuva, por exemplo.

O som tornava-se cada vez mais alto, cada vez mais nítido.

É um... Sua cabeça começou a oscilar sobre o travesseiro no ritmo do som enquanto ele imergia ainda mais fundo indo ao encontro do som para identificá-lo logo. *É uma...* Sua

cabeça ia e voltava, ia e voltava, mas ele sentia que voltava indo, como num vaivém progressivo.

Até que finalmente ele reconheceu o som e exclamou alto em pensamento: *É uma locomotiva, é um trem!*

O trem apitou.

E Matos embarcou.

2,

O vento quente que entrava pelas janelas do vagão cheirava a ferro queimado. Matos olhou em volta, olhou, e, mesmo querendo parar de olhar, continuou olhando...

O trem estava cheio, muito cheio. A atmosfera pesada, limitante, sufocante. Sua musculatura ficou tensa deixando-o ainda mais desconfortável em meio àquela massa que mais parecia uma grande plantação de alfaces após uma impiedosa chuva de granizo.

Matos enfezou a cara.

Enquanto seus dentes se apertavam mutuamente, uma pequena brecha entre os lábios surgia dando passagem a um ar de frieza que engessava na face um semblante sem a mínima preocupação de congelar nos olhos meio sorriso que fosse para tentar mascarar os reflexos do ser psicológico sobre o morfológico,

e as alfaces olhavam para ele sem saber se ele era uma delas ou mais um estilhaço de granizo manchado de clorofila.

O trem seguia, indiferente. Não se importava se estava isolado entre muros, tampouco se trafegava sobre os trilhos das injustiças e misérias humanas.

Indiferente, o trem seguia. Não se importava se transportava animais destinados ao abate, ou seres humanos já abatidos desde o nascimento nos currais dos preconceitos ou outras formas de apoio às escravidões social, política e racial.

E Matos, absorto na própria angústia de estar vivendo a vida deste trem, percebeu que algumas pessoas exclamaram num tom de lamentação; as luminárias de acrílico, já bem amareladas pelo calor do tempo, se apagaram; os exaustores, exaustos pela falta de limpeza e manutenção, pararam de girar; o trem perdeu sua força de locomoção, e todos pararam no meio do caminho, entre duas estações, em virtude de mais uma pane no sistema de energia elétrica tão precário na região.

Matos começou a se mexer sobre a cama. Seu corpo estava encharcado de suor.

Agora eu vou marinar na marmita do diabo estacionada nos trilhos do inferno!

No trem, ele não sabia de onde vinha nem para aonde ia, mas ficou ainda mais irritado por estar parado. Todas as portas foram abertas, mas não entrava vento e o calor dos corpos aquecidos pairava no ar.

Várias pessoas começaram a saltar do trem em busca de abrigo nas sombras de algumas construções irregulares coladas nos muros que se equilibravam umas sobre as outras como pirâmides humanas em circo, pois já sabiam que ia demorar.

Eram homens impacientes, fortes e habilidosos em sua maioria, e sem sobrepeso, pois não era fácil embarcar fora da plataforma — o piso do trem era alto e, quando a energia se normalizasse e o maquinista apitasse, eles teriam que subir rapidamente para não atrasarem ainda mais a viagem ou então se atrasarem ficando para trás.

Matos não estava dormindo exatamente, mas estava prestes a retornar. E isso era tudo o que ele mais queria até o trem ficar menos cheio e ele poder ver quem estava sentado num dos bancos do vagão...

E foi como se o tempo imediatamente reduzisse sua marcha para que ele vivesse aquele momento o mais próximo do instante presente quanto possível.

Era um rapaz na casa dos dezesseis ou dezessete anos. Parecia-lhe um estranho e, ao mesmo tempo, familiar; um conhecido que ele desconhecia completamente e, talvez por isso, parecia estar tão próximo e distante — distante a ponto dele não querer chegar perto, mas tão próximo que ele não conseguia parar de olhar. Algo parecido com uma experiência com a chuva pela primeira vez na idade adulta: sem saber o que fazer diante dela, mas preso no instante da saudação entre o brilho dos olhos com as lágrimas do céu.

O menino segurava uma caneta que não lhe era estranha. Tinha dois botões na parte de cima. Em seu colo havia uma mochila jeans e sobre ela um livro aberto. Ele olhou na direção da porta e Matos entendeu na hora que ele estava pensando se iria ou não descer para procurar um lugar mais arejado do lado de fora, mas resolvera ficar para não perder o lugar no banco onde estava sentado porque estava tentando estudar. Depois o menino olhou rapidamente para o lado, ao longo do corredor, e Matos avistou uma mulher que vinha caminhando do outro vagão com uma grande caixa térmica apoiada no ombro.

— Olha a água! — Ela dizia em alto e bom-tom. — Bicarbonatada, Carbogasosa, Radioativa, Ferruginosa...

Era uma mulata com a pele brilhosa, musculatura firme, quadris largos, busto estreito...

— É pura, é cristalina, é água fresca que hidrata, cura e reanima!

Mesmo com a caixa pesando no ombro, seu corpo irradiava um ar de leveza que chamava atenção, parecia uma dançarina madura num corpo de menina.

— Vamos, minha gente, saia dessa agonia!

As pessoas não paravam de olhar para ela. *Uma água gelada até que cairia bem*, Matos pensou.

A mulher continuou anunciando.

— Magnesiana, Carbônica, Sulfurosa, Sulfatada... Alcalina Clássica, Terrosa ou Terrosa Cálcica... Está gelada! Está gostosa! É água pura que jorra na Fonte da Mimosa! Quem vai querer?

— Eu... Eu... Eu...

A mulher olhou o mar de mãos acenando...

Tudo bem... Tudo bem..., ela pensou, com um sorriso tímido e contido nos lábios. *Tem para todo mundo...*

A mulher então foi caminhando a passos curtos, olhando nos olhos de cada uma daquelas pessoas, sendo gentil e afetuosa, entregando suas águas e desejando melhoras.

Entregou água para parasitoses, hepatite, gastrite, úlceras, cálculos renais... Entregou água para diabetes, doenças cardiovasculares, fratura, reumatismo, artrite, colite... Entregou água para inflamações, problemas do intestino e do fígado, enterocolite crônica, insuficiência hepática...

— Qual é o seu problema, meu querido?

— ela indagou a um homem muito abatido sentado no banco sem postura.

— Não sei... — Ele não conseguia firmar os olhos.

— Como você se sente?

— Perdi o emprego...

— Fraqueza, falta de ânimo?

Ele concordou, fechando os olhos, colocando a mão na cabeça.

— Tontura, sonolência, dores de cabeça?

Ele confirmou.

— Seu coração — ela continuou perguntado —, bate rápido? Sente falta de ar, sensação de que vai desmaiar?

O homem só concordava.

— O que mais? — ela indagou, observando suas unhas curtas e quebradiças, a boca inflamada, a pele seca com algumas feridas...

— Minha namorada me deixou... — ele disse, colocando a mão no peito.

— Taquicardia, depressão nervosa?

Ele não soube responder.

— Perdeu o interesse sexual?

Nessa hora ele reagiu. Olhou-a firmemente nos olhos, de cima em baixo, de baixo em cima..., pensando em negar, querendo negar, tentando negar..., mas logo desviou os olhos, enfraquecido, assentindo à ficha que caía, confirmando tudo, tudo.

— Isso só pode ser anemia, meu filho. Toma essa ferruginosa. — E entregou-lhe duas garrafas.

— Estou desempregado, Dona Mimosa.

— Não tem problema — ela disse, entregando-lhe mais duas garrafas. — Me paga assim que sua situação se normalizar. Você precisa recuperar seus glóbulos vermelhos. Seu caso é grave.

— Mas será que com água eu consigo me curar?

— Sim. Mas tem que ter fé.

— Mas nem para isso eu tenho forças, Dona Mimosa.

— Não se preocupe com isso. Esta é uma água especial, não é como as outras. A primeira coisa que ela faz é aumentar a sua fé. Toma. — E entregou-lhe outra garrafa. — Leva essa Radioativa também. É estimulante, vai te ajudar a melhorar tua autoestima...

— Muito obrigado, Dona Mimosa.

— Olha a água! Alcalina, Bicarbonatada, Carbogásosa, Radioativa, Ferruginosa... É pura, é cristalina, é água fresca que hidrata, cura e reanima. Vamos, minha gente, saia dessa agonia!

A mulher deu mais uns dois passos e apoiou a caixa no chão. Pegou uma pequena toalha e começou a secar seu rosto, braços e pescoço do suor que lhe escorria pelo corpo. Depois abanou-se com a toalha respirando mais fundo, observando a paisagem cinzenta do lado de fora. Estava na frente do rapaz.

(...)

Gostou dessa amostra? Adquira já o seu para continuar a leitura.

www.ambraga.com.br